

## Podcast Eh Familiar - Episódio 4

Legenda Transcrição:

(Palavras entre parênteses) → Comentários da transcritora

[00:00:00] → marcação de tempo da fala

“Palavras entre aspas” → citação

Falantes:

Lais Bim – anfitriã

Fernando Ogushi – quadros informativos

Paula Beatriz – convidada

Carolina Medeiros – convidado

Thiago Theodoro – convidado

“ser cuidada para mim é ser acolhida, é ser amada, é ser ouvida e, principalmente, ser repetida”

(Vinheta musical)

[00:00;15] O Podcast É familiar é uma produção do Sesc Avenida Paulista e integra o projeto institucional do Sesc São Paulo, Cuidar de Quem Cuida, que trata do universo da primeira infância, de pessoas que são cuidadoras de referência e do ato de cuidar, acolhendo as diversas realidades do cenário contemporâneo e trazendo ao debate construções sociais que precisam ser revistas.

Em pleno ano de 2021, como estão os ambientes escolares quanto ao acolhimento e proteção das famílias LGBTI+ e suas crianças? Suas identidades são respeitadas em todas as instâncias educacionais?

Sendo a educação para a sexualidade fundamental ao desenvolvimento saudável e seguro na infância, quais os imensos perigos que vulnerabilizam as crianças quando esse assunto é subestimado socialmente e quando, no ambiente escolar, o assunto se torna proibido?

Abra seu caderno mental e anote tudo: a tarefa de hoje é escutar com o coração aberto e descobrir as possibilidades que um ambiente escolar bem estruturado e ético é capaz de proporcionar aos seus alunos, às suas alunas e alunes e familiares.

Assim, chegamos ao **Episódio 4 do Eh Familiar**, um podcast realizado pela Equipe de educadoras e educador infantojuvenis do Sesc Av Paulista, sob consultoria de Saulo Amorim, produção de Thiago Theodoro e Felipe Dantas para compor o "Cuidar de quem Cuida: exercícios do cuidar na primeira infância - Políticas públicas", projeto institucional do Sesc São Paulo.

Falaremos sobre as dificuldades que crianças e famílias LGBTI+ enfrentam no contexto escolar e contaremos com a participação de:

**Paula Beatriz de Souza Cruz**, educadora há 31 anos, formada em pedagogia e pós-graduada em gestão educacional e em Docência no Ensino Superior. Professora e diretora da Escola Estadual Santa Rosa de Lima, no Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo. Primeira diretora trans de uma escola pública em São Paulo.

e **Carolina Mary Medeiros**, professora de História, graduada pela UFRJ, mestre em Sociologia pela UERJ, membro do Núcleo Elos de Estudos e Ações em Gênero e Sexualidade e atual Diretora Geral do Campus Engenho Novo II do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Esposa da Andreia e mãe da Luiza.

(Vinheta musical)

[00:03:12] Olá famílias, eu sou a Laís Bim e serei a anfitriã dos 4 episódios que integram esse projeto, inicio esse episódio agradecendo a todas, todes e todos que estão ouvindo e participando. Vou me autodescrever: sou uma mulher cisgênero, bissexual, mãe da criança Yohanna de dois anos, a qual não padronizo no sistema binário. Sou branca, tenho olhos azuis, cabelos compridos loiros, e estou na minha casa hoje em São Paulo, muito feliz e emocionada pelas participações destestodos estes quatro episódios do Podcast **Eh Familiar**. Como educadora de atividades infantojuvenis do Sesc Avenida Paulista, me sinto honrada em estar a frente das interlocuções. Os meus pronomes são ela/dela.

Convido agora Paula Beatriz a se auto-descrever. Bem-vinda!

[00:04:11] Eu sou a Paula Beatriz de Souza Cruz, sexo feminino, orientação heterossexual mas eu sou uma transexual. Eu sou negra, cabelos compridos, uso óculos, alta e já com meus 50 anos. Sou de São Paulo e estou especificamente no bairro do Campo Limpo, zona sul de São Paulo, periferia. Sou a filha caçula da Beatriz de Souza Cruz e ser cuidada, pra mim, é ser acolhida, ser amada, ouvida e principalmente, ser respeitada.

[00:05:02] Agora eu convido Carolina Mary Medeiros a se auto-descrever. Bem-vinda!

[00:05:08] Eu sou Carolina Mary Medeiros. Normalmente me chamam mais de Carolina Medeiros ou Carol. Tenho 45 anos, sou uma mulher cisgênero, homossexual e sou branca, acho que isso é importante ser dito em um país racista, então no lugar de fala ainda de uma branquitude de privilégios, infelizmente. Eu sou carioca, suburbana, moro no Rio de Janeiro e sou filha de João Medeiros e de Maria das Graças. Nada mais brasileiro e mais carioca do que isso. Sou mãe da Luiza e esposa da Andreia. Ser cuidada, pra mim, é ser visível em direitos, ser visível em afeto, ser entendida como uma pessoa que tem direitos e necessidades como quaisquer outras pessoas e é um cuidado que se entende também como troca. Afeto pra mim é muito troca.

[00:06:21] O projeto Cuidar de Quem Cuida tem como objetivo sensibilizar e inspirar pessoas, comunidades e instituições sobre assuntos relativos às cuidadoras e cuidadores de referência de bebês e crianças de 0 a 6 anos e as implicações do ato de cuidar. As temáticas acolhem assuntos transversais do cenário contemporâneo, trazendo ao debate contextos e construções sociais que precisam ser revistas. Integrando a programação nesta quarta temporada do projeto, nosso Podcast que **Eh Familiar** chega ao seu último episódio. Vamos juntas?

(Vinheta musical)

[00:07:06] **Você sabia** que em 2019 o Instituto Datafolha realizou uma pesquisa sobre Educação para sexualidade nas Escolas? Constatou-se que 54% das pessoas se mostraram favoráveis à adoção desses conteúdos em sala de aula, 44% foram contrárias à ideia e apenas 1% disseram não saber.

Essa divisão de opiniões talvez indique motivos pelos quais a Educação para a sexualidade não seja trabalhada de forma consistente em muitas escolas: na rede particular supostamente pelo risco de perder alunos e conseqüentemente receita; e na rede pública ao desmobilizar a criação de políticas públicas que partam das secretarias estaduais e municipais, bem como do MEC.

Diante deste cenário, estima-se que o percentual de escolas brasileiras entre públicas e privadas do infantil ao médio que tratam do tema não chegue a 20% do total. É o que estima a psicóloga e doutora em Educação Mary Neide Figueiró, em entrevista ao site Nova Escola.

No movimento contrário à educação para a sexualidade existem projetos de lei pela proibição do assunto nas escolas, sendo o projeto do Programa Escola sem Partido o exemplo mais notório deles. Este programa defende que aspectos relacionados à educação moral, religiosa e sexual devem ser tratados apenas no âmbito familiar e não no ambiente escolar.

Intuições como a Organização das Nações Unidas (ONU) consideram que a educação para a sexualidade está relacionada à promoção de direitos humanos – direitos das crianças e jovens e o direito que toda pessoa tem à saúde, educação, informação e não discriminação.

A UNESCO, em uma série de estudos feitos sobre a educação para a sexualidade entre os anos de 2008 a 2016, constatou que estes programas contribuem para:

- A iniciação das atividades sexuais ocorram mais tarde;
- O aumento do uso de preservativos e contraceptivos.
- Maior conhecimento sobre gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs);
- Além da prevenção, de baixo custo, do HIV.

Ou seja, se a Educação para a Sexualidade, enquanto política pública fosse incentivada nas escolas, muitos problemas poderiam ser evitados, como:

- O Abuso Sexual, pois a educação integral em sexualidade também diminui os fatores de riscos associados ao abuso e à violência sexual.
- Atitudes LGBTIfóbicas ou a prevenção de comportamentos nocivos estimulados por preconceitos.
- A gravidez na adolescência.
- A evasão escolar, sobretudo dos alunos LGBTI+ que são vitimados pelas hostilidades às suas expressões, identidades de gênero e orientações sexuais.

Para saber mais sobre as pesquisas e matérias citadas, acesse nossa matéria no portal do Sesc SP.

(vinheta musical)

[00:10:12] Eu vou começar a entrevista com a Paula Beatriz. Temos uma década da histórica decisão do Supremo que entendeu as uniões LGBTI+ como entidade familiar, inúmeras crianças foram geradas e adotadas nesse contexto e hoje estão inseridas em algum espaço escolar. Mas, quando pensamos em formulários, registros e documentos, porque muitas escolas ainda não estão preparadas para lidar com a diversidade de famílias?

[00:10:50] Já inicia esse processo pela própria burocracia. Quando a gente acessa um sistema em que ainda perdura o mãe e pai e essa criança pode ser filha de duas mães lésbicas ou de dois pais gays. Já é um complicador, nesse sentido de estar adequando. Veja que essa foi uma história também na questão do nome porque é muito pessoal, próprio, e até mesmo quando travestis e transexuais adotam o seu nome social, e isso em 2010 o decreto aqui no estado de São Paulo, somente em 2014 que houve essa regulamentação a nível da secretaria da Educação, para estudantes travestis e transexuais. Esse processo para a inclusão das duas mães e dois pais no sistema não está ainda atendendo a legislação, não está atendendo a um princípio dessa pessoa humana. Isso é uma situação problemática mas, ao mesmo tempo, as escolas tem sim acolhido essas famílias, tem entendido. Inclusive, a primeira vez quando surgiu lá na escola, a funcionária já foi lá na minha sala, feliz e disse: “Paula, nós temos uma criança filha de duas mães.” Eu falei: “Como você sabe?” Ela: “Olha aqui a certidão de nascimento.” A gente percebe essa riqueza que, de fato, as famílias, em tempos atuais são diferentes. As famílias não são mais aquele contexto do que dizem que é normal o homem e a mulher apenas. As famílias hoje, muitas vezes, está sendo comandada pela avó, por uma tia, por essas duas mães ou esses dois pais e até mesmo eu tenho o entendimento que quando se mora em um abrigo, ali se tem uma família. Tem aqueles responsáveis cuidando dessa criança. Isso que se precisa ter essa atenção e pensamento. O que é necessário é que quando se regulamenta, como se regulamentou o reconhecimento dessas famílias, todos os outros procedimentos – hospitalar, na escola, na própria delegacia, em todas as instituições públicas, tem que se adequar também esses

formulários, sejam eles impressos ou em um sistema informatizado, para dar realmente essa garantia de direito para o outro ou a outra, para essa pessoa humana.

[00:13:43] Acho que talvez a diferença é também deste acolhimento. Você citou a pessoa que recebeu essa família de duas mães e a criança, e que já te levou isso como algo especial, como algo feliz. Esse acolhimento também é muito importante, na recepção da escola porque é uma família que entra pra escola. O setor educacional precisa também ser abrangente nesse sentido. E aí temos você como diretora, como exemplo na escola, o que é de uma potência extremamente rica e não necessariamente precisava ser uma diretora transexual para ser acolhedora. A gente poderia ter vários diretores, várias pessoas do setor educacional que fossem acolhedoras assim. Na sua escola tem esse contexto. Você entende que esse contexto abrange outras escolas também?

[00:14:44] Acredito que sim. Vem essa dúvida, como eu vou registrar? Porque exatamente encontra essa barreira nesses formulários que não tem essa abertura. É onde vão os caminhos. Acredito também que quando não, é porque ainda falta formação. É uma temática que ainda precisa estar muito presente na formação dos profissionais da Educação. E quando eu digo profissionais é exatamente desde o servidor que abre o portão da escola, aquela que prepara a merenda. Não é só os docentes e a direção. É todo esse conjunto, para poder entender e compreender, e fazer o atendimento. Até mesmo porque está previsto em uma legislação. Eu não posso ser contrário aquilo que já está normatizado. A gente precisa desse atendimento. Onde acontece, muitas vezes pode ser dessa forma ou muitas vezes é porque a pessoa ainda está amarrada com essas questões machistas, sexistas, conservadoras, fundamentalistas. Eu digo muito que as leis são para educar nós, seres humanos. Se as pessoas não aprendem com a lei então, ela tem que punir para que essa pessoa ... é como dizem, se não é pelo amor, vai pela dor. Só que até essa pessoa sentir a dor, tem que ter o sentimento, o entendimento que ela causou muitas dores, muito sofrimento com essa postura dela, que foi de uma forma muito egoísta, muito mesquinha, de não respeitar as pessoas como elas são.

Toda essa equipe escolar, a gestão escolar, devem estar primeiramente muito abertas. Essa gestão tem que entender que somente sendo uma escola pública que ela é laica e que vivemos em um mundo diverso. Realmente, somos diferentes. Ouvimos falar muito das desigualdades mas nós temos que fazer uma luta por equidade e nessa equidade que vamos garantir, de fato, os direitos de todas as pessoas. Esse é o sentido que precisa estar reformulando e lógico que isso tudo tem que estar muito recheado nessa equipe gestora e escolar, de empatia, resiliência, de autoconhecimento porque muitas vezes as pessoas nem se conhecem, nem se reconhecem. É nossa obrigação fazer esse cuidado para não perpetuar essas mazelas. É realmente contribuir para essas desconstruções e ainda digo, esse processo tem que se iniciar na Educação Infantil, para que quando essa pessoa chegar no ensino superior e for para o mercado de trabalho essa temática já tenha um ponto de aprofundar e não de iniciar como estamos vivenciando hoje.

[00:21:59] Talvez seja por isso que tantos assuntos tenham tabus e moralismos, porque além de outros tantos fatores que estão aí mundo afora, a gente acaba deixando pra cuidar de alguns assuntos, para iniciar alguns assuntos em uma idade mais adulta e perdemos um grande recorte da vida sem acessar, como você falou sobre o autoconhecimento. E aí a gente começa a enfrentar, como você disse também, algumas mazelas que não precisavam vir à tona porque a gente deixou de aprender, deixou de adquirir informação, conhecimento e perpetua discriminação, preconceito. Falando sobre moralizar, sobre transformar em tabu um assunto que é tão importante, como você entende a importância de pautar a educação para a sexualidade nas escolas? Se você puder também contar um pouquinho sobre o projeto que existe na escola em que você é gestora e como ele contribui para esse acolhimento das crianças e jovens nas suas diversidades.

[00:23:32] A grande importância é que tem que ser na escola. É importante porque é a escola que vai possibilitar esse encontro. A escola é um espaço que agrega, reúne as diferenças. Ela reúne a diversidade e promove também, nesse todo sentido da pluralidade, esses movimentos que são necessários e fundamentais para que as pessoas possam conviver porque a questão não é de viver e sim conviver. Ela agrega por isso que ela que é fundamental para debater essas questões. Na escola em que eu sou gestora, trabalhamos com crianças de 6 a 11 anos e partimos do princípio que é o respeito a palavra-chave e desse caminho todinho que vamos processando que tem que respeitar, tem que entender, isso flui naturalmente. Eu trago como experiência que as crianças são muito francas, muito sinceras, veem e já te perguntam é isso ou aquilo. Elas são muito pontuais e nesse sentido, eu nunca dei uma tratativa na escola de questão sexual, de uma ofender a outra. Nos 18 anos que eu estou nessa escola, nunca peguei uma situação dessa em que eu tivesse que intervir, mediar, porque há esse momento já de início quando os responsáveis entram na escola todos os dias. Eles sabem o que acontece também dentro da escola, como que a escola está, é o pertencer.

[00:27:47] É a participação da comunidade escolar como um todo.

[00:27:50] Como um todo e é o estar juntos. Eu sempre pontuo que não é só num determinado mês porque essas situações ocorrem durante a vida, desde o dia 1 de janeiro até 31 de dezembro e assim sucessivamente, a cada ano que vai mudando. Estar naquele ambiente acolhedor, que alimente esses sentimentos que geram o amor, a fraternidade, todo esse enlace que é pra gente viver mesmo em comunhão e até mesmo o entendimento que nos dependemos da outra pessoa também. Acho que esse é o sentido em que a escola promove isso. Lógico que tem outros anos e acho que a Carolina depois vai falar melhor porque ela trabalha com essa faixa etária, que vai perpetuar outras questões e acho que é justamente quando vem à tona muito pontual essas questões da sexualidade. Enquanto é criança, ela está ainda muito na curiosidade está se entendendo mas tem que ficar muito claro que é a escola que vai fazer esse processo, até mesmo porque nós vamos evitar a questão do abuso infantil, nós vamos evitar uma gravidez indesejada, vamos evitar que até contraiam infecções sexualmente

transmissíveis e aí vem todo um histórico, mas infelizmente, ainda querem dizer que na escola não se pode abordar diversidade sexual e de gênero porque nós vamos ensinar as crianças a serem e aí eu digo, se fosse a escola eu não seria a Paula porque não foi a escola que me ensinou a ser Paula. A escola me deu as condições fundamentais, necessárias, para que eu seguisse o meu projeto de vida mas deixar de ser a Paula não e nem me ensinaram a ser a Paula então não é a escola que ensina. Isso que precisa ficar muito claro para as pessoas, principalmente aqueles que ainda tem esses argumentos arcaicos ...

[00:31:02] Obsoletos totalmente.

[00:31:04] E ainda hipócritas, que é o pior. Para que a gente possa de fato entender e compreender, não vamos mentir para as nossas crianças e jovens. Nós temos que ser verdadeiros.

[00:31:20] E nem omitir informação delas.

[00:31:23] E nem omitir a informação, porque nós existimos e vamos continuar existindo.

[00:31:31] Você é maravilhosa. Além de maravilhosa nessa entrevista você é maravilhosa como símbolo, sendo a primeira mulher transexual a assumir um cargo no estado de São Paulo, como diretora, você se torna essa figura de referência para as crianças, famílias, para toda uma comunidade. Me diz quais são os desafios e quais tem sido as conquistas para essa comunidade escolar na sua avaliação, além desses pontos mais fraternos que você disse?

[00:32:08] Eu vejo como possibilidade exatamente o encontro e a possibilidade de se ver que tudo é possível. Quando as crianças me veem ali e eu ainda sou negra, e isso fica muito pras crianças olha!, elas vem falar comigo todos os dias, o diálogo que existe. Isso posiciona muito, é muito verdadeiro. Os desafios são exatamente romper com todas essas histórias que continuam reafirmando a cada dia de que é pecado, é doença. O desafio também é não desistir e continuar lutando. Pra mim, não estou em um processo ainda de falar que estou resistindo. Eu estou num processo de lutar porque quando nós temos um país que é o primeiro no mundo que mais mata travestis e transexuais eu não estou resistindo, ainda tenho que lutar muito para que esse número seja zero e que o nosso país não seja mais o primeiro. Lutando e fazendo com que percebam que é com a Educação que nós vamos conseguir sim fazer com que o nosso país cresça educacionalmente, economicamente, politicamente, socialmente, culturalmente. As pessoas tem sede de cultura, tem sede das questões esportivas, da assistência social então acho que é esse o sentido e é a Educação que é a base de tudo isso. Nós estamos no maior estado brasileiro, na maior cidade brasileira e tem pessoas passando fome. Eu fico pensando como estará a região norte e nordeste? Historicamente, tem esses marcadores de por conta da migração que ocorre. Como fazer isso?

[00:35:21] Sempre olhando pro lado.

[00:35:26] Olhar pro outro, no sentido do cuidar do outro. Não por ser uma educadora mas por ser uma pessoa humana, eu acredito na Educação.

[00:35:37] Acho que esse é o ponto fundamental do nosso programa que é o cuidaa de quem cuida e por essas palavras todas que você disse eu visualizei aqui a construção de uma escada. Cada palavra que você foi dizendo foi um degrauzinho se firmando, se construindo. Eu te agradeço, Paula porque é uma construção para a nossa comunidade e acho que a gente tem que continuar lutando sim porque nós estamos avassaladoramente muitos números atrás da resistência. A gente ainda está, realmente, nessa luta e que a gente consiga. Muito obrigada.

[00:36:28] Eu que agradeço.

[00:36:30] Como a gente te encontra nas redes? Pra todo mundo te encontrar assim como eu te encontrei e não largo mais.

[00:36:38] É Paula Beatriz de Souza Cruz no facebook. No instagram Paula Beatriz Souza Cruz, ai me encontram. E se põe no google Paula Beatriz de Souza Cruz encontram várias matérias, participações. É toda um história de visibilidade e responsabilidade. Temos que tomar muito cuidado com a palavra. Ela fere, dói e deixa, muitas vezes, cicatrizes profundas. Continuemos a nossa caminhada acendendo luzes para que a gente possa, no fim desse túnel, encontrar uma esperança, um sonho, uma vida, uma alegria, encontrarmos um sorriso.

(vinheta musical)

[00:37:28] Consentimento e prevenção ao abuso

“é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”, é o que prevê o artigo 18 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Todas as formas de violência sexual a menores de 18 anos devem ser denunciadas e as medidas legais de proteção acionadas.

Focando no dever de prevenirmos estas situações, listamos aqui termos importantes sobre os quais precisamos refletir e nos conscientizar para concretizar maiores estratégias de proteção e autonomia das crianças em relação à sua segurança:

**Peça Licença:** ajude a criança a construir a noção de espaço pessoal. Ao trocar fraldas, ajudar no banho ou outros asseios pessoais, explique que, enquanto ela precisar de ajuda, apenas seus cuidadores primários têm este papel.

**Entenda o Consentimento:** a criança pode aprender desde cedo que será respeitada quando ela disser “Não” a determinados tipos de aproximação física e verbal, que ela não é obrigada a dar abraços e beijos em ninguém, de que o corpo dela é respeitado por inteiro, naturalmente. Neste exercício ela estará sendo instrumentalizada para sua autoproteção e aprendizagem dos limites.

**Respeite a privacidade:** toda pessoa deve ter a habilidade de controlar a exposição e a disponibilidade acerca de si. No caso das crianças precisamos nos exercitar para estarmos disponíveis e em atenção, mas, também devemos acolher suas demandas de espaço e tempo.

**Chame pelo nome:** quando identificamos as partes do corpo da criança é comum chamar as partes íntimas por apelidos, mas, é importante também que a criança conheça os nomes corretos. A nitidez na comunicação é essencial para a criança poder se entender e comunicar eventuais situações desconfortáveis.

**Estimule a autonomia:** ofereça à criança o conhecimento necessário para que aprenda a reconhecer e agir diante de situações abusivas, tornando-se capaz de responder assertivamente e procurar ajuda o mais rápido possível.

**Dialogue:** crie um ambiente seguro e acolhedor para que a criança possa expressar como se sente e narre seus desconfortos. Você, responsável, procure estar consciente de seus próprios limites e procure ajuda quando sentir dificuldade em mediar algum tipo de questão.

Com a correta instrução, o exemplo dentro de casa e em seu ambiente social e familiar, a família está prevenindo o abuso sexual de sua criança. É muito sério esse assunto. Lembre-se: informação salva vidas.

Acesse a nossa matéria no portal do Sesc e confira o link sobre o tema.

(vinheta musical)

[00:40:52] Agora a gente começa a nossa entrevista com a Carol e eu já vou para a primeira pergunta. Carol, sobre a formação deste repertório sobre educação para sexualidade, temos entendido que quanto mais cedo criarmos o entendimento de que o corpo pertence à criança, é melhor. Como você e sua companheira abordam este assunto todo com a Luiza?

[00:41:16] Nós abordamos sempre de forma muito natural. A Luiza foi adotada aos seis meses e hoje é uma moça de 12 anos. Foi adotada por nós em um período em que esse processo de adoção homoafetiva ainda era um caminho muito difícil. Não havia nem jurisprudência, nem legislação então foi um processo muito difícil. A gente tentou trabalhar tudo isso de uma forma absolutamente natural então o álbum de fotos dela tem a maternidade dela que não é a maternidade hospital mas é a maternidade do lugar de onde ela veio que é o momento do nosso encontro com a juíza, que é o momento da nossa recepção com ela. A gente foi contando uma historinha através das fotos, sempre com muita naturalidade, que existiam duas pessoas, duas mulheres, duas mães, que queria muito ser mães e existia uma filha que queria muito ter mães e quis o destino que houvesse um desencontro no tempo e no espaço mas que esse desencontro foi resolvido e essa estrelinha veio pra nós e passamos a cuidar. Essa é a naturalidade que a gente tem tratado. Acho que os desafios da infância foram um pouco mais tranquilos. Eu imagino que agora, sem dúvida, os desafios da adolescência são bem maiores porque a criança, como bem disse a Paula,

simplesmente pergunta, fala, externa, de uma forma muito natural. Quem é você? Mas, você é isso ou é aquilo? Mas, então eu tenho duas mães? Sim. Mas, então eu sou adotiva? Sim. Então, há uma naturalidade, uma espontaneidade na criança que facilita o trabalho nisso mas a adolescência já vem e você tem todos os encontros dos preconceitos, das tensões familiares então o desafio da adolescência é o que eu vou enfrentar a partir de agora.

[00:43:30] Na sua experiência, quais são as políticas públicas na esfera federal que resguardam os direitos de famílias e estudantes LGBTI+? Como o Colégio Pedro II, no qual você também é diretora, se destaca nesse contexto?

[00:43:48] Nós carecemos ainda de legislações seguras em relação a questão. Nós temos normativas, trâmites e jurisprudência. Carecemos do processo ainda de uma legislação mais sólida. Isso é importante, mas, há, de certa forma, solidificada, essas normativas que nos regem e que estão vigentes e são regulamentadas para a esfera federal. Nesse sentido, a questão do direito ao nome social, quando a família e o estudante em requerer, tal qual está no diário, junto aos docentes. Nós temos toda uma normativa que, de certa forma, assegura o direito e o respeito da pessoa, independentemente de sua orientação sexual e da sua identidade de gênero. O desafio agora é a construção de legislações sólidas sobre o tema. As barreiras políticas que encontramos sobre isso e que tem muito a ver com uma religiosidade ainda muito fundamentalista, com a dificuldade brasileira de um estado efetivamente laico, que se entenda e trabalhe dessa forma, de uma legislação que possa atender a essa diversidade. E o desafio cultural porque a lei é uma coisa, a normativa é uma coisa, o dia a dia é outra. A escola ainda é, sem sombra de dúvida, por mais que nós tenhamos todo um procedimento progressista, de entendimento da diversidade, de uma escola que é acolhedora, inclusiva, o ambiente escolar ainda é um ambiente de tensão e de preconceito porque ali se reflete, se refrata uma série de preconceitos que vem com as famílias nessa construção desse estudante como membro de sua família e se choca com essa diversidade de uma escola pública. Nós temos o privilégio de uma diversidade numa escola pública. Uma escola particular geralmente tem nichos de cor, classe social. A escola pública é o encontro da brasilidade em sua diversidade de cor, gênero, orientação sexual, de classe. Todas essas intersecções se encontram na escola e esse encontro, não necessariamente é harmonioso. Muitas vezes é tenso. Construir isso junto a uma comunidade escolar, como bem falou a Paula, não é só o professor, a diretora. Cada um que trabalha na escola, desde a tia merendeira da cozinha até o professor que está na sala de aula, todos precisam ter essa cultura do respeito e do entendimento dessa diversidade. A escola não é só uma escola para o estudante, é uma escola para todo mundo então a construção dessa cultura, às vezes, também é um desafio difícil.

[00:47:00] Agora, na prática, assim como eu perguntei pra Paula, como você entende que o colégio que você é gestora tem conseguido, mesmo com tanta dificuldade por conta de todo esse contexto preconceituoso que o Brasil e o mundo se encontram a tanto tempo, como vocês tem conseguido tratar desses assuntos da educação para a sexualidade como viés de auto proteção para a

criança, para o adolescente? Porque esse autoconhecimento, essa informação é vital para, como a Paula disse, evitar tantas questões, a iniciar pelo abuso sexual infantil. A gente poderia falar disso com muito mais tranquilidade, não fossem tantas questões. Como o colégio que você está, atua nesse assunto específico, na prática?

[00:48:10] O colégio Pedro II é uma escola pública, federal. Nós temos 14 campi e um Centro de Referência em Educação Infantil, espalhados pela cidade do Rio de Janeiro e também outras cidades como Niterói e Caxias. É uma escola que tem mais de 11 mil alunos de uma forma geral. Eu sou diretora de um único campus, que é no Engenho Novo II onde temos em torno de mil e duzentos alunos. É um mundo, uma mini cidade. É uma escola gigantesca. O Pedro II vem se afirmando como uma escola que tem como viés o entendimento de que a Educação não pode ser uma traição a vida. Se a vida é diversa e se o estudante é diverso e se encontra dessa forma, a gente precisa estar onde essa família, esse estudante estiver. Lá no Pedro II nós tivemos uma confusão que a mídia causou, dos meninos que usam saia e coisa parecida. O nosso uniforme é fluído, não é binário.

[00:49:26] Ai que espetáculo!

[00:49:28] Nós temos uniforme, somos rigorosos mas ele se entende de acordo com o gênero com o qual o adolescente se identifica e usa esse uniforme. Essa foi uma confusão e gerou uma confusão grande na mídia, na época e eu achava isso tão natural e simples. Eu, como professora que sou. Estou diretora mas sou professora. Pra mim é muito simples, o meu aluno precisa estar confortável consigo próprio, com seu corpo, com aquilo que ele é, com a sua roupa, para que ele aprenda. Eu sou professora de história e para que ele aprenda a história que eu vou contar, ele precisa estar bem, precisa estar respeitado, confortável. É nesse entendimento de educação que a gente caminha. Claro que não é fácil porque existem muitos estereótipos em relação a isso, muita falta de entendimento. Existe a necessidade de um preparo, como disse Paula, muito grande dos profissionais de educação em relação a esse tema porque isso é fundamental sim. Em cada faixa etária existe uma forma de tratamento sobre o tema então há uma preocupação grande em relação a isso. Nós agimos dessa forma que eu entendo que é a mais natural possível, que é o respeito ao indivíduo, tal qual ele se apresenta e o respeito as famílias. A escola tem feito essa mediação na relação com as famílias.

[00:51:17] Como essas manifestações reacionárias que vocês viveram afetam as criações das políticas públicas no campo da educação? Esse foi um contexto na sua escola mas isso acontece em todos os lugares.

[00:51:38] Sem dúvida, acho que a gente precisa ainda caminhar muito para o entendimento, assim como existe o negacionismo da ciência. São temas fundamentais que precisamos caminhar demais. O respeito a religiosidade, a diversidade não pode ser uma censura a realidade do outro, uma vez que o outro também respeita a diversidade e não comete crime algum. Esse entendimento é muito difícil, tem ficado cada vez mais difícil. O entendimento de educação como

doutrinação, como disse muito bem Paula, de que você vai estar ensinando o filho a ser alguma coisa. Eu sou uma pessoa de 45 anos, estudei em uma escola de freira, religiosa, católica, aonde aprendi o tempo inteiro que a minha realidade era uma aberração. Foi isso que eu aprendi o tempo inteiro. Isso não me fez menos ou mais homossexual do que eu me construí. Essa é a minha realidade de sexualidade, independentemente da escola e da sociedade. O que uma sociedade autoritária, excludente faz é tornar a vida de pessoas como eu mais dolorosa, mais difíceis mas ela não constrói a homossexualidade. Isso é um dado. Esse entendimento é difícil. Precisa estar sempre sendo falado e por isso que nós fazemos isso, eu estou aqui numa sexta feira a noite, conversando com vocês porque a sociedade precisa desse esforço. A Carolina não precisa disso. A Carolina é uma mulher bem resolvida, feliz, casada há vinte anos, com uma filha então a Carolina não precisa disso mas uma sociedade ainda extremamente preconceituosa precisa do nosso esforço de exposição. Eu, como educadora, só acredito que a mudança e a transformação acontece através da educação. É formando pessoas que as pessoas transformam a realidade. Se é pelo viés da educação esse esforço nosso de exposição, de diálogo, de conversa franca, ele precisa acontecer em todas as esferas, sem estereótipos, sem extremismos, de ambos os lados. Estamos falando de uma conversa simples, franca e quando isso acontece, quando essa compreensão acontece, as políticas públicas fluem. Agora, se você tem, infelizmente, uma base social excludente, violenta conservadora, patriarcal, homofóbica, racista, isso também se traduz em políticas públicas, legislações que tendem, cada vez mais, a censura e exclusão. Como bem disse Paula, ainda é uma luta, não é uma resistência. É essa luta que a gente precisa fazer mas com muita tranquilidade, com muita transparência, sem a violência do outro. O ódio do outro e a violência do outro está no outro. Para nós, educadores, o que temos que fazer sempre é essa conversa, esse entendimento, esse processo de educação. É esse o viés que eu acredito. Sobretudo nas nossas crianças e adolescentes porque eles estão em formação.

[00:55:32] Por mais encontros que a gente conquiste mais força porque eu acho que é sempre uma troca e a troca é muito rica. A gente precisa falar pra gente sempre se fortalecer da informação, para continuar no caminho de luta e de compartilhar a informação e da gente aprender sempre nesses encontros. Eu te agradeço por isso. Estou muito feliz de conhecer a diretora de uma escola que tem um uniforme fluído. É sério, isso é muito importante pra mim.

[00:56:07] O uniforme está lá, é um dado. Nós temos as blusas, calças ...

[00:56:14] Exato. Ele pode ser usado da forma que a pessoa bem entender. Sem essa padronização que é tanto colocada em caixinhas. Poxa vida, a gente não é caixinha!

[00:56:26] O mais interessante disso é que essa regulamentação foi construída junto aos órgãos e colegiados da instituição mas também junto aos estudantes então ela veio como uma demanda dos estudantes.

[00:56:44] Olha que lindo!

[00:56:45] E o mais interessante ainda, eles usam isso de uma forma muito natural e sem afetações. Diferente do que se pudesse imaginar, o alarmismo sobre isso. Só usará saia aquele aluno que se identifica com ela, então é essa a naturalidade com que a gente gostaria que as pessoas entendessem. As roupas, as coisas, os amores, as formas de existir, como diversas. É nesse sentido. E eles, nesse sentido, são muito mais inteligentes e interessantes do que nós, porque o fazem sem afetação, sem necessidade de impor nada, sem agressividade mas com naturalidade.

[00:57:42] E dessa forma, escutando essas crianças e jovens, vocês ensinam também esse respeito a singularidade, na ação, desde sempre e a gente vai promovendo a escuta em larga escala e a comunidade escolar vai se escutando mais e vamos promovendo educação, informação. Isso não tem valor, não dá pra monetizar, dá pra valorar no coração, isso sim. Eu te agradeço muito, Carol. Quero saber também como que a gente te encontra nas redes sociais para todo mundo te buscar também porque foram palavras de muito valor aqui.

[00:58:32] Que bom. Espero que tenham sido úteis. É essa a idéia, a gente fazer útil pra sociedade.

[00:58:41] Com certeza.

[00:58:43] Eu tenho instagram mas não sou uma pessoa de redes sociais. Procurem o Pedro II, é um colégio federal importantíssimo para o Rio de Janeiro e Brasil. É uma das maiores escolas federais do Brasil. Escola básica, pública. Procurem o nosso site, a instituição. Eu acho que é mais nesse sentido mesmo.

(vinheta musical)

[00:59:13] No último Fique por dentro desse podcast, não podíamos deixar passar a indicação do significativo trabalho da **Casa 1**, casa para acolhimento e Centro de Cultura.

A Casa 1 foi iniciada em 2017 e já abrigou cerca de 380 jovens LGBTI+ expulsos de suas residências pela família por suas orientações afetivas e sexuais e identidade de gênero.

Para mais informações das ações culturais e das inscrições para acolhimento, acesse o link indicado na descrição.

E também sobre a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA, que é uma rede nacional fundada no ano de 2000, na Cidade de Porto Alegre. A Antra articula outras 127 instituições que oferecem ações para a promoção da cidadania da população de Travestis e Transexuais.

Fique por dentro e compartilhe, tem sempre alguém precisando de um abraço.

(vinheta musical)

O podcast Eh Familiar Você sabia que o Podcast Eh Familiar faz parte do, carinhosamente apelidado, "CQC"?

Pois é, o Cuidar de Quem Cuida é um projeto institucional do Sesc SP e integra programações nas 44 unidades deste regional. Há três anos, lança o olhar para cuidadores, cuidadoras, responsáveis, e profissionais em diferentes áreas e, nesta sua quarta temporada, tem focado em políticas públicas que impactam os exercícios do cuidar na primeira infância.

Entre a equipe infantojuvenil do sesc Avenida Paulista a proposta foi aproximar ainda mais esta lente de aumento e evidenciar neste recorte as questões que permeiam famílias homotransafetivas no exercício de suas parentalidades. Com a consultoria de Saulo Amorim, ex-presidente e atual Diretor de Relações Institucionais da Abrafh - Associação de famílias homotransafetivas, levantamos temas como as relações com a família de origem, a parentalidade via reprodução assistida e pela adoção legal e segura e, neste programa, fechamos com as questões que permeiam a relação das famílias e crianças com a escola. Tivemos convidadas mais do que especiais a quem reforçamos aqui mais uma vez nossos sinceros agradecimentos.

Tal qual na sigla expandida, em que um dos "A's" se dá em função dos, das e des Aliades à luta pelos direitos das pessoas e famílias LGBTI+, vislumbramos todes como possíveis aliades às pautas relacionadas às experiências de mães, pais e responsáveis, inclusive pessoas que não necessariamente desempenhem ou planejem estar algum dia neste papel.

[01:00:22] Tivemos uma pessoa que acompanhou de pertinho as gravações de todos os episódios, o querido Thiago Theodoro, que nos deu toda a assessoria sobre o universo podcaster. Perguntamos a ele se conhecer os conteúdos do Eh Familiar mobilizou reflexões interessantes, mesmo que ele não tenha, até hoje, experienciado a paternidade.

[01:00:42] Pra mim foi fundamental, inclusive como membro da comunidade, acompanhar essas discussões e ter a oportunidade de esclarecer algumas dúvidas que eu tinha e de aprender com as pessoas que a gente recebeu aqui. Eu me sinto muito honrado de ter feito parte desse projeto e entendo que nunca é tarde para aprender e que nós estamos sempre aprendendo. O importante é a gente estar aberto para falar sobre as coisas e estar com a escuta atenta. Foi muito interessante, bastante tocante, me emocionei várias vezes durante as gravações e tenho certeza que eu saio desse projeto uma outra pessoa e um jornalista ainda melhor.

(vinheta musical)

[01:01:28] O podcast Eh Familiar é uma produção do Sesc Av Paulista com consultoria de Saulo Amorim, produção de Thiago Theodoro e Felipe Dantas e integra o "Cuidar de quem Cuida: exercícios do cuidar na primeira infância - Políticas públicas", projeto institucional do Sesc São Paulo.

(vinheta musical)

[01:01:50] À todos, todas e todes nosso muito obrigada pela companhia, por nos darem as mãos e seguirem conosco nesse caminho sem volta, que é um presente e um futuro com mais esperança, dignidade e respeito para as pessoas e famílias **LGBTTTQIAAACPPF2K+**.

Sua escuta e seu tempo são muito valiosos pois, sem estes, o percurso ficaria incompleto.

Nós, da equipe infantojuvenil do Sesc Avenida Paulista, agradecemos a participação de todas as pessoas convidadas que abriram seus corações e seus estudos nesse programa e, novamente, desejamos que as informações que por aqui foram trocadas cheguem em todos os cantinhos possíveis.

Que a empatia e o respeito pela diversidade seja o principal aliado na luta pela paz e que esse processo tenha espaço nas suas casas, nas escolas, nos grupos sociais, nos trabalhos, na vida em geral.

E que a gente possa sempre respeitar as crianças, as escolhas delas, os direitos delas, as vontades delas e a legitimidade que somente a infância proporciona com tanto vigor e ludicidade. Que elas possam ser o que quiserem.

Eu, Laís Bim, me despeço emocionada desse programa que me arrebatou o coração e que me transformou a vida para sempre, espero que não somente a minha.

Muito obrigada!

No Portal do SESC você poderá acessar a matéria do Podcast Eh Familiar, que contém as pesquisas e os links dos assuntos que trouxemos desde o primeiro episódio, além da transcrição completa do áudio de nossas entrevistas. Acessem: [sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

Ficamos por aqui com este podcast que **Eh Familiar!**